ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

# O Tuiuti







**BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR** 

2014 / Nº 126



## Heráldica Panorama Histórico no Brasil







#### O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de HIstória Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

#### **EDITOR**

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS Vice do IHTRGS lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN Fabricio Gustavo Dillenburg Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS acadhistoria@gmail.com www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



# EDITORIAL

Neste Tuiuti apresentamos mais um artigo, muito interessante, sobre Heráldica. Seu autor trabalha na área há muitos anos e possui um vasto conhecimento do tema, inclusive tendo sido condecorado por sua obra. Fazendo um levantamento da problemática da Heráldica brasileira, o sr. Renato Gomes apresenta um panorama considerável sobre as dificuldades em se estudar o tema em nosso país.

Em seguida, iniciamos uma nova série sobre grandes militares, desta feita, abrangendo os grandes líderes da Antiguidade. Roma, Pérsia, Grécia, todos esses grandes impérios e cerca de vinte comandantes serão contemplados, homens que construíram legados inquestionáveis e ajudaram a expandir e/ou defender seus territórios com destacada eficiência. Neste número, iniciamos com Címon de Atenas, um dos pioneiros no uso de operações conjuntas navais e anfíbias, algo inusitado, de certa forma, para o período.

Por fim, uma ampla e rica coleção de datas e eventos importantes, derivadas do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, para serem lembradas no ano de 2014 e 2015. Coletânea essencial e que serve de guia para a sempre necessária valorização do que nos fez crescer como país.

Acreditamos que a qualidade do material apresentado será adequado às expectativas de nosssos exigentes leitores. Cada vez mais, nos esforçamos para trazer matérias de grande relevância histórica. Boa leitura.

F. G. Dillenburg (Co-Editor) por Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Editor

# CONTEÚDO

### 4 HERÁLDICA NO BRASIL

por Renato Moreira Gomes

Um excepcional artigo apresentando um breve panorama histórica dessa que é uma arte e uma ciência tão olvidada.

### 19 CÍMON DE ATENAS

Grandes Comandantes da Antiguidade

Iniciamos uma nova série com rápidas biografias de alguns dos grandes comandantes da Antiguidade.

EFEMÉRIDES
por Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Datas importantes a serem lembradas em 2014 e 2015.









## Heráldica no Brasil Um Breve Panorama Histórico da Área



S.M.I. Dom PEDRO 1 DE BRAGANÇA IMPERADOR CONSTITUCIONAL E DEFENSOR PERPÉTUO DO IMPERIO DO BRASIL eráldica é a ciência que estuda e ordena os Brasões de Armas, e a arte de desenhar e pintar um painel heráldico, dentro das normas estabelecidas desde o século XIII.

Já de início, deve-se dizer que, atualmente, um Brasão de família não é motivo de vaidade, nem símbolo de privilégios aristocráticos. É, sim, memória histórica a ser preservada, em homenagem àqueles que fundaram as famílias dos nomes que temos, quer tenha sido no século XII ou no século XX, ou sejam procedentes da Europa, da África ou do Oriente, pois nada impede que se crie um Brasão para uma pessoa descendente ou oriunda de qualquer das etnias que compõem a população do Brasil, com elementos visuais das suas culturas ancestrais.

A Heráldica, embora de origem medieval europeia, tem a característica de ser adaptável a qualquer símbolo de qualquer cultura em qualquer época e seu estudo oficial, no Brasil, está restrito aos cursos de Museologia, de nível universitário, mas quase como matéria ilustrativa. Não existem compêndios próprios, apenas apostilas redigidas por esforçados professores, copiadas de compêndios franceses. Conhecemos duas, HERÁL-DICA, da Profa Jenny Dreifus (1968), e NOÇÕES DE HERÁL-

DICA (s/d), do Dr. Gustavo Barroso, ambos do Museu Histórico Nacional.

Os documentos oficiais nacionais sobre o assunto estão espalhados, parte no Arquivo Nacional, parte do Museu Imperial de Petrópolis, no Museu Histórico Nacional, no

"HERÁLDICA É A
CIÊNCIA QUE ESTUDA
E ORDENA OS BRASÕES
DE ARMAS, E A ARTE DE
DESENHAR E PINTAR
UM PAINEL HERÁLDICO,
DENTRO DAS NORMAS
ESTABELECIDAS DESDE
O SÉCULO XIII."

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Biblioteca Nacional, e em muitas outras bibliotecas e museus, estaduais e municipais, e, indevidamente, em mãos de colecionadores particulares, aguardando uma catalogação geral que possa permitir um amplo estudo da matéria no país.

A Heráldica no Brasil pode ser apreciada sob três aspectos:

#### 1º Aspecto - Oficial

São os Brasões e emblemas nacionais, criados e regulamentados por legislação específica:

- O Escudo de Armas da República Federativa, o Selo Oficial e a Bandeira Nacional;
- Os Escudos de Armas dos Estados da Federação e as Bandeiras Estaduais;
- Os Escudos de Armas Municipais e as Bandeiras Municipais.

São classificados no campo da Heráldica de Domínio (a saber, as Armas Nacionais, Estaduais e de algumas cidades).

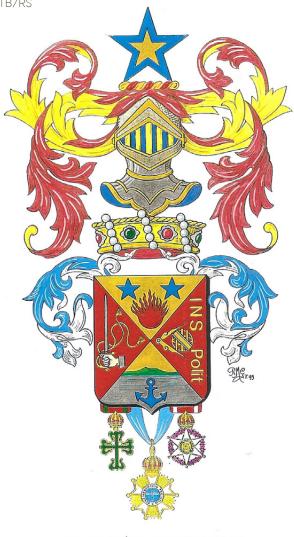
No campo da Heráldica Corporativa estão:

- Brasões e Emblemas das Armas Militares Exército, Marinha e Aeronáutica e das Polícias Militares Estaduais para a identificação das suas unidades de Organização Superior, de Comando e Operacionais;
- Brasões e Emblemas de órgãos do Governo Federal, Estadual e Municipal.

A criação desses Brasões ou Emblemas é feita internamente, em cada Arma Militar ou Órgão de Governo, regulamentados por Portarias de Ministérios ou Secretarias.

Nas Forças Armadas, a divulgação dos Brasões e Emblemas é, basicamente, restrita ao serviço militar. As Armas Heráldicas da República e as dos Estados são bem conhe-





Almirante ELISIÁRIO ANTONIO DOS SANTOS 15-xi-1806-27-ix-1883 **Barão de Angra** 

cidas, mas os Brasões Municipais são, na sua grande maioria, desconhecidos, fora do âmbito do Município, e não existe uma catalogação nacional destes Brasões.

Conhecemos as bandeiras históricas do Brasil, e as de alguns movimentos políticos. Os estandartes das nossas antigas cidades, ricos de simbologia, são praticamente desconhecidos.

O Exército e a Marinha, durante o Império, tinham em suas bandeiras apenas o Brasão

Imperial e a inscrição com o nome e o número da unidade.

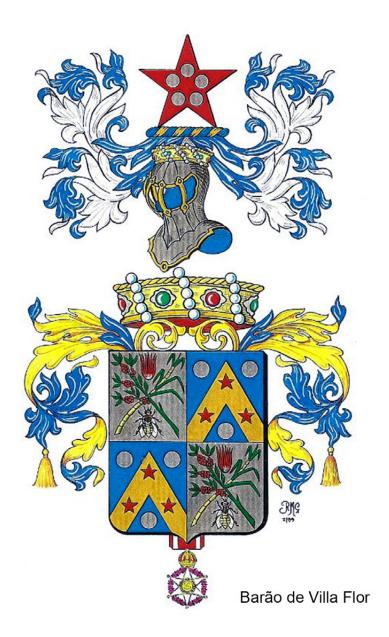
Só no período republicano é que foram criados estandartes com características heráldicas próprias.

#### 2º Aspecto - Cultural

Como já foi dito, o estudo da Heráldica, no Brasil, restringese aos cursos universitários de Museologia, em geral visto de forma superficial. Pouquíssimas obras foram aqui publicadas sobre o assunto (adiante relacionadas) e, praticamente, já são "obras raras".

Por outro lado, existem muitas publicações avulsas, inseridas em revistas, Auários ou Boletins de instituições culturais, históricas e genealógicas, em todos os Estados, mas ainda não foi realizado um levantamento bibliográfico de todo esse material, muito rico em informações técnicas e históricas. Da mesma forma, os documentos nacionais "oficiais" aguardam uma catalogação geral, espalhados que estão pelo país. Isso permitiria uma organização e o acesso planeiado ao seu estudo.

Cronologicamente, não se conhece qualquer publicação a respeito do tema durante o Império, exceto o que foi inserido pelo Visconde de Sanches de Baena em "Appendice" ao seu "Archivo Heraldico-Genealogico", editado em Lisboa no ano de 1872, e que consta dos extratos de 121 Cartas de Brasão passadas no Brasil a Fidalgos e Nobres Titulados, os quais foram fornecidos a Sanches de Baena pelo Escrivão do Cartório da Nobreza, Luis Aleixo Boulanger, que foi, inclusive, o autor da maioria dos Brasões da nobreza imperial, especialmente os simbólicos. Aliás, esse Boulanger iniciou em 1871 a "boneca" de um "Armorial Brazileiro" (os originais estão no IHGB), para ser publicado, mas não con-



seguiu levantar fundos para custear a edição...

Em 1918 foi editado em Lausanne, na Suíça, em português, o "Archivo Nobiliarchico Brasileiro", de autoria dos Barões de Vasconcellos, com excelentes ilustrações de Brasões desenhados por Fernand James Junot, suiço.

É obra pioneira para o estudo da Heráldica no Brasil, publicando cerca de 270 Brasões de nobres titulados e fidalgos. Mas, como obra pioneira, aconteceu omissões, e diversos Brasões foram desenhados com erros, como o mais conhecido no Brasil, o do Duque de Caxias.

E importante lembrar que a principal fonte para o estudo da Heráldica Brasileira, que eram os "Livros de Registro de Brasões de Armas do Cartório da Nobreza e Fidalguia do Império", desapareceu.

O Livro nº 1, iniciado durante a regência do Príncipe Dom João, em 1810, sumiu após a morte do então Escrivão da Nobreza, Possidonio da Fonseca Costa, em 1854, bem como os outros livros, de números 2 a 5, que parece não terem sido usados.

Ficou em uso o Livro nº 6, iniciado em novembro de 1829, e serviu até quase o fim do Império. Mas esse também foi extraviado antes de 1887. Existe apenas um livro, que tem a indicação de "nº 2" (parece que o Livro VI foi considerado, então, como o nº 1),

e que está no acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mas com poucos

registros.

Em 1933 foi editado, em São Paulo, o livro "Brasões e Bandeiras do Brasil", do professor Clóvis Ribeiro, abordando apenas a parte de Heráldica de Domínio, ou seja, as Armas Nacionais, Estaduais e de algumas cidades.

No ano de 1936, fruto do esforço do Tenente do Exército Egon Prattes Pinto, inicia-se a publicação na "Revista da Semana", no Rio de Janeiro, do "Armorial Brazileiro", com a ilustração a cores de Brasões desenhados pelo insigne heraldista Luis Loureiro, do antigo "Gabinete Photocartographico do Estado Maior do Exército", também autor de todos os Brasões de militares que foram divulgados pela BIBLIEX. Publicou-se somente 25 painéis, de Brasões concedidos no período colonial pelos Reis de Portugal a brasileiros, filhos ou descendentes de portugueses, e extraídos do livro de Sanches de Baena, o "Archivo Heraldico Genealogico", que descreve quase 2.500 Cartas de Brasões passadas no Reino, muitas a brasileiros.

E, também em 1936, a Revista Militar Brasileira (vol. 35, nº 3, agosto), em edição comemorativa do 133º aniversário do Duque de Caxias, edita excelente artigo, autoria do Tte. Egon Prates Pinto "CAXIAS na Heráldica e na Genealogia", ilustrado com Brasões desenhados por Luiz Gomes Loureiro, e impressos tipograficamente em cores e ouro e prata.

Salvador de Moya, Cel PMSP, genealogista, inicia em 1939 a edição e publicação do seu Annuario Genealogico Brasileiro, que seguiu até o ano de 1948, com excelentes artigos sobre Heráldica Luso-Brasileira e do Império do Brasil

O Museu Histórico Nacional começa a publicação de seus ANAIS em 1940, com muito interessantes artigos heráldicos, a saber:

1 - 1940 - Jenny Dreifus "O Escudo de Armas de D.Teresa Cristina Maria de Bourbon, Terceira Imperatriz do Brasil".

2 - 1940 - Jennny Dreyfus "Um Enigma Heráldico", sobre assunto que foi continuado por outros autores, em 1942, 1943 e 1945.

3 - 1942 - Gustavo Barroso "A Heráldica dos Vice-Reis"

> 4 - 1942 - Jenny Dreifus "A Louça Brasonada no Museu Histórico Nacional"

Por sua vez, o Museu Imperial de Petrópolis, em seu Anuário, publica:

1 - 1943 - José Heitgen "Achegas ao Armorial Brasileiro", estudos de selos armoriados apostos documentos em

sinetes do Museu.

3 - 1944 - David Carneiro "O Dragão - Símbolo Heráldico"

Em 1955, foi fundado no Rio de Janeiro o Colégio de Armas e Consulta Heráldica do Brasil, por iniciativa do historiador Dr. Gustavo Barroso. Infelizmente, teve pouca duração, encerrando suas prolíficas atividades em 1959, quando do falecimento do seu fundador. O acervo do Colégio de Armas, repleto de documentos inéditos foi, por disposição testamentária, levado para o Museu Histórico Nacional, onde está guardado a sete chaves, tendo a consulta pública sido proibida pela direção do Museu (...???!!!)...





Datado de 1963, no campo da Heráldica Eclesiástica, temos a importante obra de Luis D. Gardel, "Les Armoiries Ecclésiastiques au Brézil", trabalho derivado de intensa pesquisa, e que cobre do período colonial até 1962.

Em novembro de 1964, o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro realizou uma "Exposição de Modelos de Brasões de Armas e Cartas de Nobreza e Fidalguia", abrangendo o período de 1851 a 1888, com documentos de seu acervo e alguns cedidos por outros possuidores. Dessa exposição

foi publicado, sob o nº 56, um "Catálogo", com várias reproduções a cores e apresentação do professor Paulo Braga de Meneses.

Temos em 1978 (edições particulares), de autoria do professor Paulo Braga, em conjunto com Roberval Bezerra de Meneses, "A Armaria Hipocrática do Império do Brasil", que publica os Brasões de quatorze médicos que receberam títulos de nobreza, e "Os Barões de Angra", de Alípio Mendes, com oito Brasões de fazendeiros, e desenhados por Ronald Melo, em interessantes ilustra-

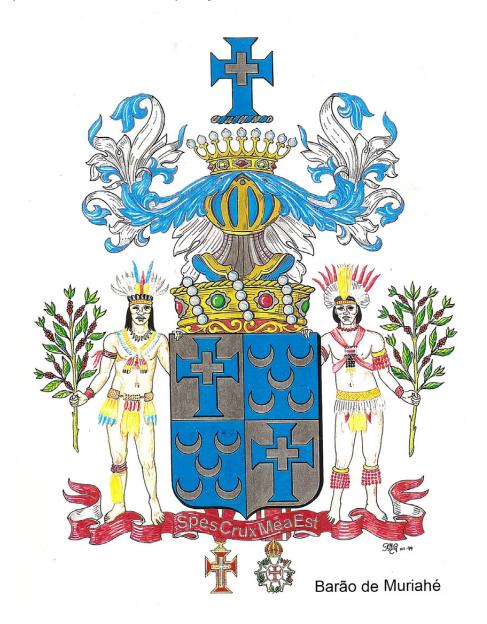
ções heráldicas, nas duas edições.

Com caráter temático, sobre Heráldica em geral, foram publicados, em 1983, "Princípios de Heráldica", da Profa Vera Lúcia Bottrel Tostes, atual diretora do Museu Histórico; em 1986, o livro "Heráldica", de Luis Marques Poliano (Conservador do Museu Histórico), este abordando, também, a Heráldica brasileira.

No ano de 1995 aparece "Manual Heráldico do Rito Escocês Antigo e Aceito", de José Castellani e Buono Ferreira, mas referindo apenas aos emblemas maçônicos, e que foi seguido, em 1999 por um segundo volume com o mesmo título.

Uma recente obra versando sobre Heráldica Imperial é "Títulos e Brasões", da Profa Vera Bottrel Tostes, 1996.

Em edição de luxo para colecionadores, "O CRISTAL NO IMPÉRIO DO BRASIL" (5ª Cor Editora/1996 Rio de Janeiro), de Jorge Getúlio Veiga e João Augusto de Souza Lima (já falecidos), de excepcional acabamento e com belíssimas fotografias de peças de cristais que eram de uso da Família Imperial e de muitos nobres titulados, conservadas em museus e coleções



particulares, vem encerrar as publicações com temas Heráldicos. Tivemos a destacada honra de ser convidados a fazer as ilustrações dos Brasões que complementam o livro, pintando, para a obra, mais de uma centena de painéis.

Aconteceu que os autores queriam, além das pinturas, um estudo heráldico com o significado de cada brasão. Ao iniciar a pesquisa sobre o assunto, constatou-se a total deficiência de informações...!!! Havia muitos dados reproduzidos com erros ou mal interpretados, sendo que chegouse à conclusão de que seria necessário fazer um levantamento geral do tema, juntando e conectando as inúmeras informações dispersas, a fim de compor um correto Armorial do Império. O trabalho resultou no levantamento fotográfico de todo o acervo de modelos de Brasões, Cartas de Brasão, documentos heráldicos e dos livros heráldicos raros conservados no Arquivo Nacional. É a "Coleção Heráldica Arquivo Nacional" de nossa propriedade. Mas muito ainda ficou por realizar.

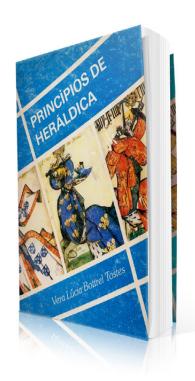
Não pode ser deixado de mencionar o trabalho erudito

do professor Dr. Rui Vieira da Cunha, "Estudo da Nobreza Brasileira", iniciado com o volume I, "Cadetes" (publicação nº 59, 1966, do Arquivo Nacional), e continuado até o volume VII, em 2003, sendo a obra-prima o volume II, "Fidalgos de Cota-de-Armas" (1969,

Pub. nº 64 do ANRJ), premiado na Espanha

Na sua edição de "Outono - 2000 nº 32", a revista de arte VENTURA (Ventura Cultural Ltda. - RJ/SP) publica, em belíssima apresentação, artigo de nossa autoria "HERÁLDICA BRASILIENSIS", que foi republicado na edição especial "INVERNO 2002 - Campos de Jordão".

A Revista do CLUBE

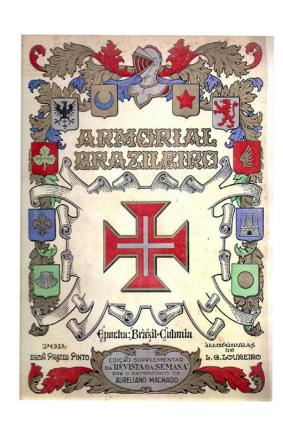


NAVAL - Rio de Janeiro, (Dezembro 1999, nº 312) abriga, com muito bom destaque, nosso artigo ARTE HERÁLDICA. E, na edição de "Dezembro 2000" publica nosso BRASÕES DE TAMANDARÉ.

#### 3º Aspecto - Comercial

Este aspecto está, em parte, no âmbito da Heráldica Corporativa, que seria a apreciação dos Brasões de Associações de Classes - melhor dizendo, os Sindicatos.

Em toda a Europa, monarquias e repúblicas, as corporações do Trabalho cultivam o uso de Brasões e Estandartes heráldicos. No Brasil não houve, infelizmente, tal interesse. Usam-se emblemas, às vezes, simbólicos, ou logotipos visuais abstratos ou monogramáticos, com a preponderância de temas socialistas.



A outra parte é comércio, pura e simplesmente. Trata-se de um ponto curioso do tema. Várias empresas subsistem, em várias cidades do país, vendendo informações e Brasões de família.

Em geral, não passam de vistosos trabalhos de artesanato, em couro, madeira ou metal, e também feitos com tecnologia digital, sobre registros pré-programados, e acompanhados de "diplomas". No conjunto, entretanto, são deficientes no que toca à belíssima Arte Heráldica, fora os erros e mistificações sobre a "história" dos sobrenomes de família.

Um empresa atuante nesse ramo, norte-americana, mas que possui escritório em São Paulo e computadores instalados em Shoppings, distribui um rico prospecto multicor, no qual afirma ter catalogado mais de 60 mil Brasões de nomes de famílias do mundo todo, levantados através de "intensa busca, realizada por um grande corpo de pesquisadores".

Mas o "Armorial Général" - 6 volumes - de Rietstap/V. Rolland, publicado em 1884, com novas edições à venda na Europa, apresenta mais de 112 mil escudos de Armas de nomes de toda a Europa...!!! Passaram, por nossas mãos, grande número de Brasões,

desses feitos em computador, com seus "diplomas". Em todos, encontram-se falhas, grosseiras ou grotescas, algumas absurdas, dadas a importância e a autoridade atribuída ao material.

Livros heráldicos sérios, recentemente editados na Europa, já fazem advertências, aos interessados, a respeito do cuidado com essa "indústria de Brasões".

Reportando-nos ao Brasil, onde uma considerável parte das famílias tem suas raízes em Portugal, o Brasão de seu

nome é apenas curiosidade. Particularizando, com relação a Brasões de Linhagens antigas portuguesas, cujos nomes foram popularizados e bagunçados desde meados do século XV, pode-se dizer, é sem sentido pendurar na parede o Escudo de Armas de Silva, Souza, Coutinho, Moreira, etc. Como no Brasil, por ser República, não existe Direito Heráldico, qualquer pessoa pode exibir qualquer Brasão, de qualquer família ou do nome que bem entender. Mas, se há interesse em conhecer ou ter um Brasão de

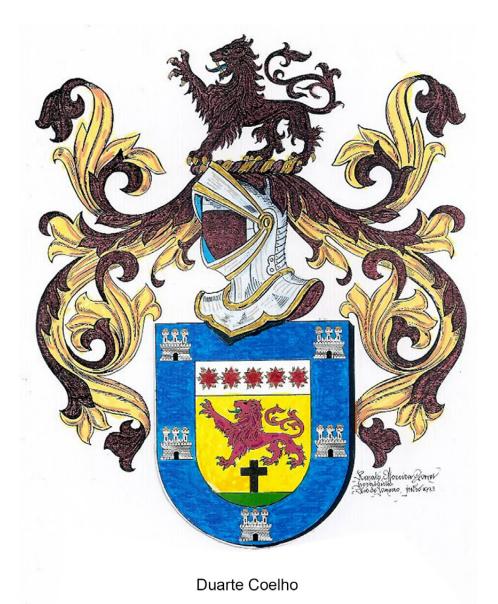


Visconde de Mauá

família, esse Brasão tem de ser estudado e composto dentro das normas estabelecidas em 1420, nas "Ordenações da Armaria", de Dom Manuel I. Isto porque a nossa herança heráldica é lusitana, e essas regras foram seguidas e obedecidas durante o Império. Assim, têm de ser respeitadas na atualidade.

Ou seja, será um escudo esquartelado (dividido quatro partes iguais), com as armas das quatro principais famílias das quais uma pessoa descende, para que seja, realmente, um Brasão personalizado. E, isto, só pode ser feito por quem conhece bem o assunto e tenha condições de consultar as fontes certas, conforme sejam as origens desses ancestrais ou ascendentes, para apresentar um trabalho eticamente correto. Assim agia o Cartório da Nobreza, no Império.





Cabe salientar que o Cartório utilizava, para sua orientação quanto às Armas de Família, a obra "Nobiliarchia Portuguesa", de Villas Boas e Sampaio, editada em 1676, e o exemplar usado está conservado em "Obras Raras" na Biblioteca do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Essa obra é considerada, pelos modernos estudiosos do tema, em Portugal, como muito falha e, por vezes, confusa, o que derivou em muitos erros nos Brasões compostos e concedidos durante o Império.

Voltando-se ao aspecto comercial, a finalidade é, apenas, vender peças decorativas, fornecendo informações primárias e incompletas, quando não, erradas.

#### HERÁLDICA HISTÓRICA BRASILIANA

Como informação complementar, cabe um rápido resumo cronológico: o primeiro Brasão que se pode considerar brasileiro é o que foi concedido a Duarte Coelho, em 1545, quando ele já estava no RUI VIEIRA DA CUNHA De l'Académie Internationale d'Héraldique

ESTUDO DA NOBREZA BRASILEIRA

Volume I

CADETES

Publicação Nº 59 Do ARQUIVO NACIONAL

Rio de Janeiro, 1966

Brasil havia dez anos (ficou até 1554, morrendo poucos dias após sua volta a Lisboa). Neste Brasão, há uma cruz latina na cor preta, alusiva à Terra de Santa Cruz, e é considerada como a primeira referência heráldica ao Brasil.

A seguir, temos os Brasões das cidades de Salvador, na Bahia, em1549; do Rio de Janeiro, em 1565, e a pedra tumular de Estácio de Sá, de 1583 (com o Brasão de Salvador Correa de Sà, seu primo).

Em 1616, acontece a fundação da cidade de Belém do Pará, com seu Brasão criado por Bento Maciel Parente. A ele, Bento, foi concedido Brasão de Armas-Novas, em 1637, com a confirmação do nome Parente, em retribuição aos seus serviços nas lutas contra os holandeses. É o segundo

Brasão de família no Brasil.

Durante a ocupação holandesa, Maurício de Nassau, em 1638, criou Brasões para as capitanias de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Itamaracá, Serinhaém, Alagoas, Porto Calvo, Sergipe e Igarassu.

Em 1646, temos o terceiro Brasão de família no país. Trata-se do que foi concedido por Ar-

mas-Novas a Simão Alves de La Penha Deus-Dará, com a confirmação do nome Deus-Dará, em homenagem a seu pai Manuel Alves de La Penha, apelidado de "Deus-Dará", também por serviços prestados à Coroa na luta contra os holandeses.

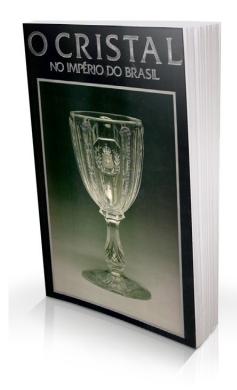
O primeiro Brasão de Domínio (e que nunca foi usado), aparece em 1675, no manuscrito "Thezovro de Nobreza", do Rei-de-Armas Índia Francisco Coelho, com a legenda "Armas do Estado do Brasil". Este manuscrito está na Torre do Tombo, em Lisboa.

Por volta de 1680, intensifica-se a con-

cessão de Cartas de Brasão a brasileiros. O estudo desse material foi iniciado por Egon Prattes Pinto, no seu "Armorial Brazileiro", cuja continuidade precisa ser realizada. Aliás, da mesma forma, faz-se necessário levantar e estudar os Brasões das cidades fundadas a partir do início do século XVII no Brasil, todos com bela simbologia histórica e/ou geográfica.

Do tempo dos Vice-Reis, parece que existem apenas dois exemplares sobreviventes, os de Dom Luis de Vasconcelos e Sousa, nos chafarizes do Passeio Público e do Largo do Paço (Praça Quinze), no Rio de Janeiro - bastante conhecidos, por sinal.

Com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808,



#### 14 OTUIUTI AHIMTB/RS

Dom João criou o Cartório da Nobreza e Fidalguia, e a Corporação dos Reis-de-Armas, em maio de 1810. Devido ao extravio dos Livros do Cartório numerados de 1 a 5, quase nada se sabe a respeito das Cartas de Brasão concedidas na época, exceto por umas poucas, que subsistiram nas famílias dos agraciados.

A carta de Lei de 13 de maio de 1816 cria as Armas do Reino do Brasil: "Esfera Armilar de Ouro em Campo Azul".

Acontecendo a Independência, o ainda Príncipe Regente

Dom Pedro, por Decreto datado de 18 de setembro de 1822, estabelece o Escudo de Armas do Reino do Brasil independente, e que passou a ser o Brasão da família Imperial dos Bragança.

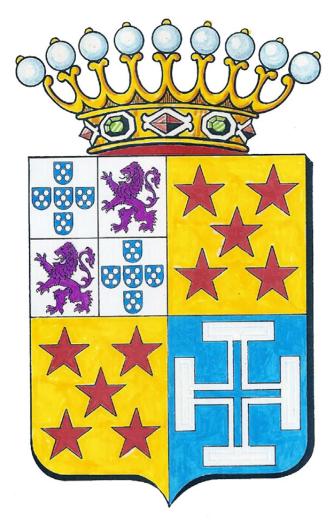
Depois disso, durante muitos anos, nada se legislou no Império sobre Nobreza e Brasões, e houve apenas um único Decreto a esse respeito, o de nº 499, de 31 de janeiro de 1847, que reza, em seu artigo 1º:

"O Rei d'Armas não concederá jamais o uso de Brasão d'Armas, sem precedência de justificação

de nobreza, em que haja a necessária, e concludente prova exigida pela Provisão de 3 de julho de 1807, a qual impõe aos pretendentes a obrigação de produzirem, além de testemunhas, documentos autênticos, que provem legalmente pertencerem eles às famílias, com que querem entroncar-se; devendo proceder-se a esta justificação pelo Juízo dos Feitos da Fazenda, com audiência do procurador dos Feitos, e recurso para a Relação."

Esta disposição legal, entretanto, foi obedecida apenas para a concessão de Brasões a Fidalgos, pois aos nobres titu-





Brasão do Conde de LINHARES, D.Domingos de Souza Coutinho

lados eram, os Brasões, concedidos em poucos dias, apenas mediante requerimento com o modelo já pronto do Brasão desejado, quer fosse simbólico ou de armas de costados de família, desde que pagas as taxas e custas do Cartório da Nobreza.

Dos Brasões do período Imperial, o Arquivo Nacional possui 124 modelos originais e cinco Cartas de Brasão, existindo muitas outras peças conservadas em outras instituições.

No "Archivo Nobiliarchico Brasileiro" estão ilustrados muitos Brasões de nobres titulados sem indicação de registro no Cartório de Nobreza. Os autores, os Barões de Vasconcellos, não informam quais as fontes que foram utilizadas ou consultadas para a confecção dos desenhos.

O Museu Imperial possui uma vasta coleção de louças brasonadas, que deveriam ser fotografadas, catalogadas e publicadas para estudos. Isto, sem falar nas peças conservadas em coleções particulares.

O professor Paulo Braga de Meneses, no prefácio do "Catálogo da Exposição de Modelos de Brasões e Cartas da Nobreza e Fldalguia", publicado pela Universidade de Juiz de Fora, MG, em 1965 (onde foi realizada a segunda exposição nacional), afirma a existência, devidamente comprovada, de cerca de quinhentos Brasões que integram o Armorial do Império. Aliás, esse pesquisador chegou a esboçar um "Armorial Brasileiro" com a relação deses Brasões. Infelizmente, após seu falecimento todos os seus documentos, escritos e arquivos desapareceram... Diz-se que seus herdeiros venderam tudo como papel velho...!!!!!!!

Em nossos estudos, pesquisas e levantamento já passamos dos 300 exemplares...

Muitos Brasões de nobres titulados são simbólicos, especialmente os dos heróis da Guerra do Paraguai.

Outro grupo, muito interessante, é o dos chamados "Barões do Café", que ornaram seus Escudos de Armas com ramos de cafeeiros, cana-de-açúcar, instrumentos agrícolas e, até mesmo, indígenas. Também, há os que contêm símbolos de profissões liberais, tais como Direito, Medicina, Comércio, Letras, Finanças, etc. Outros, ainda, contêm re-



presentações maçônicas. Suas simbologias são por demais interessantes, e merecem estudo à parte.

#### Coleções Modernas

No último quartel do século XX, o Centro Cultural e de Pesquisas do Castelo da Torre -Salvador, BA - realizou o "Armorial Histórico da Casa da Torre de Garcia D"Avila", uma coleção com cerca de 200 paineis heráldicos, artisticamente pintados sobre couro pelo Heraldista Victor Hugo Carneiro Lopes (Salvador, BA) com financiamento pela Odebrecht Engenharia.

Essa coleção é bem conhecida nos meios militares, por ter sido já exposta em diversas unidades do Exército, e pela ligação deste com a Casa da Torre. Essa coleção foi, inclusive, registrada na Académie Internacionale d'Héraldique, na Bélgica.

De 1996 a 1998, uma coleção, "Brasões da Nobreza Maçônica no Império do Brasil", com 78 painéis 30 x 45cm, foi por nós pintada para o Museu Histórico do Palácio Maçônico de São Cristovão - Rio de Janeiro.

Em 1996 contratamos com a ABIC Associação Brasileira da Indústria do Café, RJ/SP, a confecção da coleção "Brasões com o CAFEEIRO como Tema

Heráldico", com 25 painéis 30 x 45 cm.

Em 2001 ficou pronta a coleção "Brasões da Nobreza da Marinha Imperial", feita para a Secretaria de Cultura do Clube Naval - Rio de Janeiro, esta com 30 painéis 30 x 45 cm com os Brasões da nobreza titulada da Marinha Imperial, inclusive Heroís da guerra do Paraguay.

#### Considerações finais

Proclamada a República, e extinta a Monarquia Imperial no Brasil, são também extintos os títulos de nobreza e as ordens honoríficas. Contudo, os titulados vivos permanecem com seus nomes e graus nobiliárquicos, inclusive prestando serviços ao país, sob a Nova Ordem, como o Barão de Rio Branco, entre outros.

Triste é o caso de que algum republicano exaltado ou fanático tenha se apossado dos Livros do Cartório da Nobreza e sumido com eles. Ou, quem sabe, como repartição externa sob a Nova Ordem, sem considerar o valor dos registros, os Livros foram simplesmente descartados, lançados ao lixo?!...

Na verdade, abolidas as poucas disposições legais sobre Brasões, não há mais Direito Heráldico, e o assunto passou a ser tema de saudosistas e historiadores, artistas plásticos e artesões. Fica, no entanto, uma pergunta: por quê os descendentes dessa nobreza imperial, que recebeu os títulos por méritos e realizações pessoais, abandonaram os Brasões que seus pais ou avós usaram, já que, com a queda da Monarquia, a disposição impeditiva de transmissão de Brasões, constantes nas Cartas, perdia o seu valor restritivo?

Algumas pessoas de bom senso e com visão histórica, felizmente, entendendo que a Heráldica está acima de regimes políticos, por seu caráter representativo de pessoas ou famílias, e também histórico, acenderam pequenas velas que, embora com fraca luz, continuam acesas até hoje. Há uma realidade de onipresente falta de verbas, o que congela o progresso oficial na área, e espera-se, quem sabe, que empresas ou instituições de cunho cultural manifestem interesse para financiar projetos que, se dependerem de apoio governamental, jamais acontecerão.

Aliás, é de conhecimento geral que o Ministério da Cultura, que deveria ter como atividade primordial a preservação do Patrimônio Histórico e Cultural do Pais, prefere aplicar suas verbas, que já são muito pequenas, em atividades popularescas (ou populistas), como exibições de cantores (!!??) ditos populares, ou no

financiamento de espetáculos ditos teatrais, de qualidades educativas e culturais mui duvidosas, ou publicações de livros nas mesmas bases. E, enquanto isso, Igrejas centenárias, riquissímas em obras de arte e documentos históricos valiosíssimos estão se desfazendo, pouco a pouco, em pó e esquecimento, como os inúmeros jazigos brasonados nas criptas das catedrais, mosteiros, abadias e igrejas matrizes, nas principais capitais do país e outras cidades históricas.

Para ilustrar essa situração, veja-se o acontecido há algum tempo com um nosso conhecido. Indo a uma Prefeitura de pequeno município na divisa dos Estados do RJ e de MG, viu no saguão uma grande cesta de lixo com um livro bem grande, de capa verde, lá jogado. Curioso, foi ver o que era. Surpresa, era um exemplar do raríssimo "Archivo Nobiliarchco Brasileiro" (acima



mencionado). Pegou o livro e procurou o encarregado da biblioteca local para saber por quê o valioso livro estava no lixo. Foi atendido por uma funcionária, com vistosa estrela vermelha na gola da blusa, que olhou e disse: "AH, fui eu que joguei essa porcaria fora, isso vale nada e não interessa para nós, pode deixar no lixo...!!!!".

Outro fato, ocorrido no corrente ano, mostra bem o descaso oficial para com a Heráldica. Na primeira semana de janeiro, e devido à nossa já avançada idade, decidimos doar parte da nossa coleção de livros e trabalhos sobre Heráldica à Biblioteca do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, sendo três enciclopédias heráldico-nobiliarquicas (no total de 20 volumes) internacionais, mais 25 outros livros sobre o assunto, editados no exterior, todos de alta qualidade e custo. Fomos á diretoria do ANRJ, levando uma relação minuciosa das obras em doação, pedindo que mandassem buscar o material em nossa moradia, distante duas quadras da sede do Arquivo, Disseram para aguardar, e no dia seguinte foi recebido um e-mail informando que seriamos visitados por funcionários que iriam vistoriar as obras oferecidas. Não entendemos, pois na relação apresentada só faltava o cheiro dos livros. E,...estamos esperando até hoje , nunca mais recebemos qualquer comunicação.... E ERA DOAÇÃO....!!!!!!!!!

Enquanto isso, jaz inerte em nossas prateleiras uma riqueza histórica fantástica, pronta para ser redescoberta.

#### Nota:

Tive a inusitada sorte de conhecer o senhor Renato Moreira Gomes devido à sua sua curiosidade sobre a simbologia utilizada no Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis, do qual sou fundador e responsável. Começamos a trocar mensagens eletrônicas e, em pouco tempo, o homem mostrou-se uma sumidade, e não apenas em Heráldica. Impossível, portanto, perder uma oportunidade como essa, de aproveitar seu conhecimento e trazer à tona a importante arte/ciência dessa área tão distinta e esquecida em nosso país.

Heraldista e Designer, Gomes é formado e especializado em Administração e Recursos Humanos, campos em que trabalhou no Rio de Janeiro de 1952 ate 1969. Em 1970 passou a trabalhar como designer independente, no campo das Artes Gráficas, desenvolvendo, então, seus conhecimentos sobre Heráldica. Realizou várias coleções de painéis com Brasões da nobreza do Império do Brasil, e muitos outros trabalhos, inclusive algumas exposições. Foi Assessor de Pesquisas do Arquivo Histórico do Exército (AHEX) e Consultor de Heráldica do Serviço de Documentação da Marinha (SDM).

Ainda, trabalhou como Consultor de Simbologia da Grande Loja Maçônica do Estado do Rio de Janeiro e como Consultor de Heráldica, Medalhística e Simbologia do Supremo Conselho do Grau 33 do Brasil, REAA (Palácio Maçônico de São Cristóvão, Rio de Janeiro). Autor de diversos artigos sobre Heráldica e História do Brasil, , é também coautor (ilustrações heráldicas e comentários) da obra "O Cristal no Império do Brasil" (5ª Cor Editora, 1966, Rio de Janeiro). Condecorado com a Cruz do Mérito Cívico e Cultural (MEC. Portaria no 163/1962), e com a Medalha do Mérito Montezuma, conferida pelo Supremo Conselho do REAA (condecoração máxima da Maçonaria, raramente conferida a profanos).

Logo, estamos bem servidos, e esperamos que a dose se repita, com mais textos sendo publicados em números futuros de O Tuiuti. (F.G.Dillenburg - Co-Editor de O Tuiuti)



LES ARMOIRIES ECCLÉSIASTIQUES AU BRÉSIL (1551 – 1962)

Armes des Èminentissimes Cardinaux; des Archevêques et Évêques Residentiels, Titulaires, et In partibus infidelium; et des Prélats et Abbés Nullius dioeceseos.

Par

LUIS D. GARDEL

Rio de Janeiro

MCMLXIII



Renato Moreira Gomes é Heraldista e Designer, nascido na Imperial Cidade de Petropolis, em 25 de setembro de 1933, descendente de imigrantes da Renânia (Alemanha), colonos Imperiais fundadores da cidade, e também de imigrantes portugueses vindos do Porto e dos Açores. Foi Assessor de Pesquisas do Arquivo Histórico do Exército (AHEx) e Consultor de Heráldica do Serviço de Documentação da Marinha (SDM). Além da Cruz do Mérito Cívico e Cultural, possui diversas outras condecorações.



## Grandes Comandantes da Antiguidade

# Címon de Atenas (510 a.C. - 449 a.C.)

ilho de Milcíades, o almirante e general ateniense liderou a coalizão grega à vitória final sobre os persas, na Guerra Persa do século V a.C. Obteve excelentes resultados com operações combinadas, envolvendo armas anfíbia s enavais. Seu legado lançou as fundações para o futuro Império ateniense. Era tido como belo e afável de maneiras e o melhor general que Atenas jamais conheceu. Desejava tanto quanto Péricles manter a supremacia ateniense no mar, mas ao contrário dele, via com bons olhos a natural liderança espartana no continente.

Destacou-se primeiramente na batalha de Salamina, em 480 a.C. A seguir, sob o comando de Aristides, participou das campanhas de Chipre e Bizâncio, afastou o general e regente espartano Pausânias, uma vez que havia suspeitas de que este mantinha entendimentos com os persas. Em 475 a.C. Címon derrotou os persas em Eion, expulsando-os de praticamente toda a Trácia. Com a tomada de Siro em 470 a.C., consolidou seu nome, trazendo para Atenas os supostos ossos de Teseu. Com a morte de Aristides e o ostracismo de Temístocles, Címon tornou-se a figura dominante na política ateniense, liderando o Partido Conservador de Atenas. Em 466 a.C. derrotou completamente as forças persas de terra e mar, consolidando a Liga de Delos e entre 465-63 a.C., conquistou Tassos, que havia rompido com a Liga de Delos. Elevado ao primeiro posto do governo, dedicou-se à administração interna, sobretudo no embelezamento de Atenas. Ao mesmo tempo, Címon passa a enfrentar ataques vigorosos do Partido Democrático de Atenas, liderado por Péricles. Os democratas combatiam a política conservadora e Címon e seu alinhamento com Esparta. Como resultado, Címon foi julgado sob acusação de ter sido subornado para não hostilizar o rei da Macedônia, favorável aos rebeldes de Tassos.

Embora tenha sido absolvido e tenha sido sempre pessoalmente popular devido a suas vitórias militares, Címon foi perdendo prestígio. Em 462 a.C., coube-lhe a chefia de uma expedição de ajuda a Esparta, então em luta contra os messênios. Desconfiando, porém, de um duplo jogo, os espartanos dispensaram a cooperação do contingente ateniense. Daí resultou o rompimento da aliança com Esparta e, finalmente, a condenação ao ostracismo, em 461 a.C., de Címon.

Quando Címon foi julgado por traição, cuja pena era a morte, Elpinice foi a Péricles, o acusador, e tentou suplicar por seu irmão. Péricles, porém, disse sorrindo que ela estava muito velha para tentar estes truques, mas fez um discurso ameno, que foi o que causou menor dano a Címon dentre todos os acusadores. No ostracismo, ele procurou demonstrar sua lealdade, oferecendo-se para lutar como simples soldado, quando os exércitos de Atenas e Esparta se defrontaram em 457 a.C. O próprio Péricles, seu maior adversário, interveio em favor de Címon.

Quando Címon estava cumprindo seu período de ostracismo, Elpinice costurou um acordo com Péricles, para que Címon comandasse uma frota de duzentos navios contra o Rei (da Pérsia), de forma que Péricles tivesse controle total da cidade de Atenas. Címon voltou do exílio em 451 a.C., quando negociou uma trégua de cinco anos com Esparta. Incumbido de comandar uma grande expedição naval contra a Pérsia, foi nessa operação, em 449 a.C., que encontrou a morte, durante o cerco à cidade fenícia de Citium. (Fonte: Internet)

#### Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil Academia de História Militar Terrestre do Brasil/Rio Grande do Sul Academia General Rinaldo Pereira da Câmara

## Relação dos principais eventos a serem lembrados em 2014 (Efemérides terminadas em zero)

520 anos – Tratado de Tordesilhas:

460 anos – Fundação do Colégio de São Paulo, origem de São Paulo, capital;

360 anos – Rendição dos holandeses na Campina do Taborda;

340 anos – Fundação de Manaus e de Na. Sa. do Desterro (Florianópolis);

260 anos – Início da Guerra Guaranítica;

200 anos – Assunção das funções de Capitão-General de São Pedro do Rio Grande do Sul pelo Marquês de Alegrete (13 Nov 1814);

190 anos – Primeira Constituição do Brasil;

- Criação das Forças Armadas;

120 anos – Cerco da Lapa pelos federalistas de Gumercindo Saraiva;

110 anos – Questão do Pirara;

100 anos – Início da Primeira Guerra Mundial;

70 anos – Embarque e desembarque do 1º Escalão da FEB para a Itália;

- Inauguração da Academia Militar das Agulhas Negras;

- Desembarque aliado na Normandia;

- Batismo de fogo da FEB na Itália (Monte Prano – 26 Set 1944):

60 anos – Suicídio de Getúlio Vargas;

50 anos – Contra-revolução Democrática de 31 de março de 1964;

20 anos – Lançamento do Plano Real;

- Conquista do Tetra-campeonato da FIFA pelo Brasil.

## Relação dos principais eventos a serem lembrados em 2015 (Efemérides terminadas em zero)

450 anos – Fundação do Rio de Janeiro;

400 anos – Expulsão dos franceses do Maranhão;

390 anos – Expulsão dos holandeses da Bahia;

370 anos – Início da Insurreição Pernambucana;

200 anos – Elevação do Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarve;

190 anos – Início da Guerra da Cisplatina;

180 anos – Início da Revolução Farroupilha/Guerra dos Farrapos;

170 anos – Fim da Guerra dos Farrapos;

150 anos – Sesquicentenário do Tratado da Tríplice Aliança e início da Guerra do Paraquai;

- Rendição paraguaia em Uruguaiana;

120 anos – Fim da Revolução Federalista no RS;

- Final da Questão do Amapá, com vitória do Brasil;

80 anos – Derrota da Intentona Comunista:

- Decreto da Lei de Segurança Nacional;

70 anos – Todas as conquistas da FEB na Itália (Monte Castelo, Belvedere, Monte Della Torraccia, Torre di Nerone, Mazzancana, La Serra, Castelnuovo di Garfagnana, Montese, Zocca, Marano do Panaro, Fornovo di Taro, etc.) com destaque para Monte Castelo e para a rendição da 148ª Divisão Alemã;

- Dia da Vitória (08 de maio);

50 anos – Participação do Brasil na intervenção da OEA na República Dominicana (FAIBRÁS).

Organizadas por Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel.

#### A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;
- A AHIMTB/Distrito Federal Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;
- A AHIMTB/Rio de Janeiro Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;
- A AHIMTB/Rio Grande do Sul Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e
- A AHIMTB/São Paulo Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

#### O TUIUTI

#### Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu View, ítem Page Display, Two Page View, Show Gaps Between Pages e Show Cover Page in Two Pages View ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu Visualizar, o ítem Exibir Página, clique em Exibição em Duas Páginas e Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas.







O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo O Tuiuti, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com

Apoio à FAHIMTB:



